

Estudo bíblico pessoal

A BATALHA

contra a amargura

Levando nossa dor a Deus e aprendendo a viver sem vingança

Estudo bíblico baseado na pregação de Cortt Chavis.

Comece aqui

Introdução

Podemos amar a Deus sinceramente e, ainda assim, ter dificuldade para lidar com o que alguém nos fez. Anos de oração, serviço fiel e conhecimento da Bíblia não tornam a traição fácil de suportar. Às vezes, quem nos fere são pessoas em quem confiávamos profundamente. Às vezes, a parte mais difícil é ver a vida continuar como se nada tivesse acontecido. Carregamos uma lembrança que os outros parecem ter esquecido e nos perguntamos o que devemos fazer com a dor que permanece.

Este estudo pergunta como podemos levar essa dor à presença de Deus sem permitir que a amargura conduza o restante da nossa vida. A pergunta é pessoal. Podemos reconhecer o problema rapidamente em outra pessoa enquanto damos outro nome ao nosso próprio ressentimento. Talvez o chamemos de cuidado, de realismo ou simplesmente de lembrar o que aconteceu. Às vezes, essas descrições são justas. Em outras ocasiões, estamos protegendo um desejo de ver alguém sofrer. Precisamos de honestidade suficiente para perceber a diferença e de humildade suficiente para deixar que a Palavra nos corrija.

Resposta pessoal

O pastor Chavis desenvolve sua mensagem a partir da advertência de Hebreus 12 sobre uma raiz de amargura. Em seguida, apresenta cinco respostas práticas: não permitir que as ações de outra pessoa determinem as nossas, deixar a vingança com Deus, lembrar a misericórdia que recebemos, buscar crescimento em vez de vingança e continuar orando enquanto sofremos. Essas respostas não nos pedem que finjamos que o errado foi certo. Elas nos pedem que consideremos o que estamos permitindo que esse mal produza dentro de nós.

Precisamos deixar claro desde o início que o perdão não exige que permaneçamos em perigo, desculpemos abusos ou abramos mão da devida responsabilização. Deus pode nos ajudar a crescer depois do sofrimento sem tornar bom o sofrimento em si. A dor não é prova de que Ele causou ou aprovou o que alguém fez. Algumas situações exigem proteção, um relato verdadeiro do que aconteceu e ajuda de quem possa agir com sabedoria. Podemos buscar essas coisas enquanto também pedimos a Deus que nos liberte do ódio e do desejo de vingança pessoal.

Vamos dedicar tempo às passagens e manter nossa própria vida em vista. Não estamos tentando provar que nunca sentimos amargura ou que podemos nos recuperar rapidamente de qualquer ferida. Estamos perguntando como a fidelidade se expressa na vida que de fato temos. Talvez haja algo que precisamos confessar, uma resposta que precisamos mudar ou um fardo que precisamos de ajuda para carregar. Podemos começar antes que nossos sentimentos se acalmem. O exemplo de Ana nos lembrará que uma alma ferida ainda pode se voltar para o Senhor.

Resposta pessoal

Passagem principal

Hebreus 12 versículos 14 e 15 — tradução da KJV

14 Busquem a paz com todos e a santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor:

15 Vigiando diligentemente para que ninguém deixe de alcançar a graça de Deus; para que nenhuma raiz de amargura, brotando, perturbe vocês, e por ela muitos sejam contaminados;

As citações bíblicas deste estudo foram traduzidas do texto em inglês da King James Version (KJV).

01 Quando as dificuldades alcançam quem ama a Deus

A pregação começa questionando uma expectativa que talvez carreguemos sem expressá-la em voz alta. Podemos acreditar que entregar nossa vida a Deus deveria nos proteger das dificuldades que outras pessoas enfrentam. Sabemos dar a resposta certa quando alguém pergunta se os cristãos sofrem. Mas, quando a dificuldade atinge nossa própria família, nosso ministério ou nossas amizades, talvez sintamos que algo deu errado no que esperávamos dessa relação. Oramos, obedecemos e procuramos ser fiéis. Por que ainda estamos enfrentando algo tão doloroso?

Precisamos perceber o que essa pergunta pressupõe. Será que começamos a pensar na obediência como uma maneira de garantir que a vida aconteça como preferimos? Será que, em silêncio, esperávamos que Deus impedisse qualquer pessoa de nos decepcionar? Quando essas expectativas não são examinadas, cada dificuldade pode parecer uma prova de que Ele falhou conosco. Talvez ainda falemos dele com respeito na igreja enquanto carregamos uma acusação em nossos pensamentos particulares. O primeiro passo honesto pode ser admitir que esperávamos um tipo de proteção que Ele não prometeu nas passagens que temos diante de nós.

> *Podemos dizer a Deus que não entendemos e, ainda assim, continuar dispostos a segui-lo.*

Resposta pessoal

01

O pastor Chavis nos lembra que as dificuldades estão presentes até na vida de quem procura agradar a Deus. Receber o Espírito Santo, ser batizado em nome de Jesus e servir fielmente não nos torna imunes à fraqueza humana nem ao mal que as pessoas fazem. A mensagem não começa nos pedindo menos compromisso. Ela nos pede que entendamos que o compromisso não elimina todas as circunstâncias dolorosas. Precisamos de uma fé capaz de levar as dificuldades a Deus, e não de uma fé que dependa de elas nunca chegarem.

Isso também significa que devemos ter cuidado com as conclusões que tiramos do sofrimento de outra pessoa. Uma fase difícil não nos dá permissão para decidir que ela deve ter sido descuidada ou infiel. Talvez saibamos muito pouco sobre o que aconteceu. Mesmo quando conhecemos alguns fatos, não podemos explicar tudo o que Deus está fazendo. Se transformarmos cada ferida em um julgamento sobre a pessoa ferida, dificultaremos que as pessoas busquem ajuda com honestidade. Também estaremos preparando uma resposta dura para nós mesmos quando chegar a nossa própria fase difícil.

A mensagem nos encoraja a crer que o crescimento continua sendo possível. Podemos nos tornar mais pacientes, mais verdadeiros e mais dispostos a depender de Deus à medida que respondemos às dificuldades. Mas não devemos transformar essa esperança na afirmação de que todo ato prejudicial foi enviado por Deus para nos aperfeiçoar. A crueldade de outra pessoa continua sendo responsabilidade dela. Podemos perguntar o que Deus nos ajudará a fazer agora sem dizer que a crueldade era necessária. A capacidade dele de trazer o bem à nossa vida não exige que demos ao mal o nome de bondade.

Resposta pessoal

01

Talvez também precisemos nos libertar da pressão de encontrar uma lição imediatamente. Quando a dor é recente, talvez não estejamos prontos para explicá-la. Podemos dizer a Deus que não entendemos e, ainda assim, continuar dispostos a segui-lo. Às vezes, a próxima resposta fiel é bastante comum. Precisamos dizer a verdade, buscar segurança, pedir apoio ou desistir de uma mensagem destinada a ferir alguém. Não precisamos de uma explicação completa do passado para obedecer no presente. A falta de uma explicação não torna todas as respostas igualmente sábias.

Vamos considerar como costumamos reagir quando a vida fica difícil. Nossa primeira conclusão é que Deus se esqueceu de nós? Comparamos nossa dificuldade com a vida mais fácil que imaginamos que outra pessoa tenha? Ficamos envergonhados porque se espera que cristãos experientes lidem melhor com essas situações? Essas reações merecem atenção paciente. Podemos levá-las à oração, em vez de permitir que se tornem convicções estabelecidas. O Senhor não precisa que protejamos uma versão impecável da nossa fé. Podemos admitir que estamos decepcionados e pedir que Ele nos ajude a continuar dispostos a aprender.

Portanto, a pergunta no início deste estudo não é se podemos evitar todas as feridas. Não podemos construir nossa vida em torno dessa esperança. A pergunta é como responderemos quando uma ferida chegar. Talvez não possamos mudar a decisão de outra pessoa nem recuperar o que se perdeu. Ainda assim, podemos buscar a direção de Deus para o que acontece dentro de nós e por meio de nós. Isso nos leva à imagem de Hebreus 12. As dificuldades podem alcançar nossa vida, mas precisamos observar com cuidado o que permitimos criar raízes.

Resposta pessoal

02 O que permitimos criar raízes

Hebreus 12:15 nos pede diligência. A advertência merece mais do que uma olhada ocasional em nossas atitudes quando algo já deu muito errado. Uma raiz geralmente fica escondida antes que seu crescimento se torne visível acima da terra. O pastor Chavis usa essa imagem para nos ajudar a pensar na amargura. Podemos estar controlando nosso comportamento em público enquanto o ressentimento, silenciosamente, molda a maneira como interpretamos as pessoas, lembramos os acontecimentos e nos preparamos para a próxima decepção. O que permanece fora de vista ainda pode influenciar a vida que todos veem.

Devemos começar distinguindo a dor do desejo persistente de nos agarrar ao ressentimento. Sentir dor depois de uma traição não significa, por si só, que estamos rejeitando a Deus. As lágrimas não são prova de fracasso espiritual. A raiva pode nos alertar de que algo sério aconteceu. A questão passa a ser o que fazemos com essas reações. Nós as levamos com honestidade ao Senhor e buscamos ajuda onde precisamos? Ou continuamos voltando a elas porque queremos que o mal sofrido justifique qualquer coisa que decidamos fazer a seguir?

> *O que permanece fora de vista ainda pode influenciar a vida que todos veem.*

Resposta pessoal

02

Uma lembrança pode se tornar um lugar onde ensaiamos uma acusação contra alguém. Cada vez que voltamos a ela, acrescentamos as palavras que gostaríamos de ter dito, imaginamos o constrangimento que esperamos que a pessoa sinta e explicamos por que ela não merece paz. Talvez não ajamos imediatamente com base nesses pensamentos. Mesmo assim, estamos dando atenção a eles e abrindo espaço para que permaneçam. Essa é uma das maneiras como a imagem da raiz pode nos ajudar a examinar a nós mesmos. Estamos perguntando o que nossa atenção repetida está alimentando, e não apenas se nos comportamos mal em público.

O versículo diz que a raiz brota e nos perturba. A amargura não permanece como algo inofensivo que podemos guardar até estarmos prontos para usar. Ela pode passar a fazer parte da maneira como enfrentamos a vida cotidiana. Uma pequena discordância parece outra traição. Uma pergunta inocente soa como acusação. O sucesso de outra pessoa nos ofende porque quem nos feriu também teve sucesso um dia. Não devemos presumir que toda reação difícil tenha a mesma causa, mas podemos perguntar se uma mágoa antiga está falando mais alto do que os fatos presentes.

A advertência então vai além de uma pessoa: “e por ela muitos sejam contaminados”. Nossa vida interior afeta as pessoas ao nosso redor. Podemos levar a desconfiança de um relacionamento para outro. Podemos ensinar nossos filhos a esperar o pior de pessoas que eles nunca conheceram. Podemos fazer uma conversa na igreja girar em torno de um conflito antigo até que outros comecem a carregar nossa raiva como se fosse deles. A pregação nos pede que percebamos que a amargura pode se espalhar. O que chamamos de um problema particular talvez já esteja moldando o ambiente em nossa casa ou em nosso ministério.

Resposta pessoal

02

Isso merece atenção especial quando outras pessoas confiam em nosso discernimento. Uma pessoa que exerce influência pode transmitir ressentimento em forma de conselho. Talvez pensemos que estamos protegendo alguém quando, na verdade, estamos convidando essa pessoa a compartilhar nossa hostilidade. Alertas sábios devem ser verdadeiros e ter a proteção como objetivo. Não devem depender de exageros, detalhes selecionados de forma parcial ou do desejo de colocar todos contra alguém. Antes de falar, podemos perguntar o que o ouvinte realmente precisa saber e se nosso propósito continuaria o mesmo caso ninguém nos admirasse por contar a história.

Hebreus também nos adverte a não deixar de alcançar a graça de Deus. O pastor Chavis entende isso como uma falha em receber a graça disponível e responder a ela, e não como uma falha na própria graça de Deus. Essa distinção mantém nossa atenção em nossa resposta. Podemos conhecer a linguagem da graça enquanto mantemos nossa dor fora do alcance dela. Talvez acolhamos a misericórdia quando precisamos de perdão e depois resistamos a ela quando desafia nosso desejo de castigar outra pessoa. A advertência nos chama a receber a ajuda de Deus justamente onde mais queremos permanecer no controle.

Vamos olhar por baixo da reação mais fácil de perceber. Que expectativa, medo ou mágoa está ajudando essa reação a crescer? Quando falamos com aspereza, o que temos dito a nós mesmos antes disso? Quando nos afastamos, estamos estabelecendo um limite necessário ou tentando fazer alguém pagar? Respostas honestas podem levar tempo. Podemos pedir a Deus que nos torne atentos sem ficarmos desconfiados de cada sentimento. O objetivo é ter um coração que acolha o cuidado dele, inclusive sua correção, antes que o ressentimento escondido se torne o padrão segundo o qual vivemos.

Resposta pessoal

03 Uma vida com dons ainda precisa de um coração honesto

A história de Aitofel oferece à pregação um exemplo que nos leva a examinar o coração. Segundo Samuel 16:23 descreve o quanto seus conselhos eram respeitados. As pessoas os recebiam “como se alguém tivesse consultado o oráculo de Deus”. Isso nos mostra que seus conselhos tinham um peso extraordinário para Davi e Absalão. Não significa que cada decisão de Aitofel tivesse a aprovação de Deus. Precisamos manter essa distinção clara. Ser respeitado pela sabedoria não elimina a necessidade de submeter as próprias escolhas ao Senhor.

Segundo Samuel 17:23 registra, então, a morte de Aitofel por suicídio depois que seu conselho não foi seguido. O contraste entre essas passagens chama a atenção do pastor Chavis. Um homem cujos conselhos eram profundamente respeitados teve um fim trágico. O fato de esses versículos aparecerem em capítulos consecutivos não nos diz que sua luta interior se desenvolveu da noite para o dia. No entanto, nos convida a olhar além da confiança que depositamos na utilidade pública de alguém. Uma voz respeitada pode pertencer a uma pessoa que carrega uma dor que os outros não compreendem.

> *Uma função pode nos dar um lugar para servir, mas não deve se tornar um lugar para nos esconder.*

Resposta pessoal

03

A pregação relaciona Aitofel a Bate-Seba por meio dos detalhes familiares em 2 Samuel 23:34 e 2 Samuel 11:3. Eliã é citado como filho de Aitofel, e Bate-Seba é identificada como filha de Eliã. O pastor Chavis considera essa ligação familiar juntamente com o mal cometido por Davi e sugere que uma mágoa pessoal ajuda a explicar as ações posteriores de Aitofel. Devemos reconhecer que essa é a interpretação da pregação. As passagens citadas não nos dão um relato direto dos pensamentos particulares de Aitofel nem dizem explicitamente que o ressentimento pelo que aconteceu a Bate-Seba foi sua motivação.

Respeitar esse limite não elimina a lição que o pregador quer nos levar a considerar. Ainda podemos perguntar o que acontece quando uma experiência dolorosa permanece sem cuidado por trás de uma função respeitada. Outras pessoas podem continuar buscando nossos conselhos porque nosso conhecimento é útil. Podemos continuar falando bem, fazendo bons planos ou compreendendo uma situação difícil. Nenhuma dessas capacidades prova que nosso próprio coração esteja em paz. Podemos ajudar outra pessoa a reconhecer um perigo enquanto evitamos o mesmo tipo de atenção honesta em nossa própria vida.

Para aqueles de nós que servem há anos, sentir que as pessoas precisam de nós pode tornar isso especialmente difícil. Talvez nos sintamos responsáveis por permanecer firmes por todos os outros. Talvez tenhamos receio de que admitir nossa dor enfraqueça a confiança das pessoas em nós. Podemos até tratar o fato de continuarmos sendo úteis como prova de que nada sério precisa de atenção. No entanto, as pessoas que ajudamos não podem dar nossa resposta pessoal a Deus por nós. Uma função pode nos dar um lugar para servir, mas não deve se tornar um lugar para nos esconder. Precisamos de alguém confiável com quem possamos falar a verdade.

Resposta pessoal

03

Também precisamos tratar a morte de Aitofel com cuidado. Esse relato não nos dá uma explicação completa de por que as pessoas morrem por suicídio, e não devemos usá-lo para julgar todas as pessoas que sofreram dessa maneira. Não podemos determinar a condição eterna de outra pessoa com base nessa passagem. Se nossa dor inclui pensamentos de tirar a própria vida, precisamos contar a alguém de confiança e buscar ajuda profissional urgente. Se houver perigo imediato, devemos entrar em contato com os serviços de emergência. Buscar ajuda é uma resposta necessária ao perigo, não um motivo para sentir vergonha diante de Deus.

O chamado deste estudo é à honestidade enquanto podemos receber ajuda. Não precisamos esperar até que nossa aflição se torne visível para todos. Podemos dizer a Deus que estamos enfrentando dificuldades, mesmo que ontem tenhamos encorajado outra pessoa. Podemos pedir oração sem fazer nossa necessidade parecer pequena. Podemos aceitar apoio prático sem tratar isso como falta de força espiritual. A pessoa que os outros veem e a pessoa que Deus conhece não devem ser mantidas separadas pelo nosso esforço de parecer imunes às dificuldades.

Vamos perguntar se há algo que temos tentado carregar escondido atrás da nossa capacidade. O que diríamos se uma pessoa que amamos estivesse enfrentando a mesma luta? Diríamos que ela deveria continuar ajudando todos os outros e não falar nada? Ou a encorajaríamos a ter uma conversa honesta e buscar ajuda adequada? Podemos receber o cuidado que ofereceríamos. A advertência na história de Aitofel nos chama a levar a sério nossa vida interior, sem presumir que um dom, uma posição ou uma boa reputação possa cuidar dela por nós.

Resposta pessoal

04 Escolhendo nossa resposta às ações de outra pessoa

O primeiro ponto prático da mensagem diz respeito à responsabilidade. Outra pessoa pode fazer algo errado, mas essa ação não torna certa toda resposta nossa. Podemos entender isso claramente quando observamos uma discussão de fora. Fica mais difícil quando somos nós que nos sentimos insultados, traídos ou desprezados. Nesse momento, a vingança pode parecer justiça. Podemos começar a escolher palavras pelo poder que têm de ferir, em vez de pela capacidade de dizer a verdade ou encaminhar a situação para o que é certo.

O pastor Chavis usa o exemplo de responder a um comentário público ofensivo com outra ofensa. A situação é conhecida, mas a lição vai além de uma tela. Podemos retaliar por meio do silêncio, da fofoca, de uma brincadeira cruel ou da decisão de negar ajuda. Às vezes, esperamos que haja outras pessoas presentes antes de corrigir alguém porque queremos que o constrangimento faça parte do castigo. A ação exterior pode parecer pequena. Precisamos examinar o propósito por trás dela. Estamos lidando com um problema ou preparando um momento em que a outra pessoa sofrerá como nós sofremos?

> *O erro dela não precisa se tornar o padrão da nossa próxima escolha.*

Resposta pessoal

04

Nem sempre conseguimos impedir que um sentimento intenso apareça. Também não podemos apagar os efeitos de um dano grave simplesmente decidindo que outra pessoa não terá mais influência sobre nós. A dor pode persistir mesmo quando estamos tentando sinceramente responder bem. Nossa responsabilidade é mais prática do que isso. Podemos buscar ajuda para os efeitos com os quais não conseguimos lidar sozinhos e cuidar das escolhas que estão diante de nós. Não precisamos tratar um sentimento doloroso como uma ordem que deve ser obedecida imediatamente.

Uma pausa pode abrir espaço para esse cuidado. Talvez precisemos sair de uma discussão antes que ela se torne cruel, esperar antes de enviar uma mensagem ou pedir a alguém sábio que nos ajude a entender o que aconteceu. Uma pausa não deve se tornar uma maneira de evitar toda conversa necessária. Seu propósito é impedir que a urgência determine nossa conduta. Podemos perguntar o que é verdadeiro, o que nos cabe enfrentar e que resultado estamos buscando. Essas perguntas podem revelar que a resposta que desejamos primeiro apenas acrescentaria outro erro à situação.

A pregação nos encoraja a falar com Jesus sobre o que as pessoas fizeram. Na oração, podemos descrever o acontecimento sem fingir que já estamos calmos. Podemos admitir que queremos responder com dureza ou fazer alguém se sentir pequeno. Trazer esse desejo à luz nos permite pedir ajuda, em vez de revesti-lo de linguagem espiritual. Talvez descubramos que temos chamado nossa raiva de preocupação com a verdade, enquanto damos pouca atenção a se nossas palavras são verdadeiras, necessárias ou justas.

Resposta pessoal

04

Também haverá momentos em que uma resposta será necessária. Recusar a retaliação não significa deixar de denunciar abusos, corrigir uma afirmação falsa ou estabelecer um limite claro. O silêncio nem sempre promove a paz, e falar nem sempre é vingança. Precisamos olhar para o conteúdo e o propósito do que fazemos. Um relato verdadeiro pode proteger pessoas. Uma conversa direta pode enfrentar um mal real. Podemos dar esses passos sem acrescentar motivações inventadas, detalhes humilhantes ou ameaças que servem apenas ao nosso desejo de ferir.

Pode ser útil separar o mal original da próxima decisão. Não nos tornamos responsáveis por causar o dano simplesmente porque somos responsáveis pela maneira como respondemos agora. Ao mesmo tempo, ter sofrido uma injustiça não elimina nossa responsabilidade pelo dano que causamos depois. Se respondemos à crueldade com crueldade, podemos reconhecer nossa parte sem fingir que o primeiro mal nunca aconteceu. Isso é difícil porque muitas vezes queremos que a história inteira seja ouvida antes de admitir qualquer coisa. Deus pode nos ajudar a dizer toda a verdade, inclusive a parte que nos confronta.

Vamos pensar em uma resposta que estamos preparando. O que esperamos que a outra pessoa sinta quando a receber? O que mudaria se nosso objetivo fosse a verdade e a proteção, em vez do castigo? Talvez precisemos revisar uma mensagem, escolher um ambiente mais seguro ou decidir não responder. Talvez precisemos buscar apoio antes de agir. Seja qual for o passo, podemos nos recusar a entregar nossa conduta à conduta de outra pessoa. O erro dela não precisa se tornar o padrão da nossa próxima escolha.

Resposta pessoal

05 Deixando a vingança com Deus

Romanos 12 dá à pregação uma direção clara para responder a quem fez o mal. Devemos ler a passagem inteira com calma, porque suas instruções estão ligadas. A paz, a recusa da vingança pessoal e a prática do bem são partes de uma mesma resposta. Talvez queiramos guardar a instrução que parece mais fácil e deixar de lado aquela que toca em nossa luta atual. A passagem pede mais de nós do que evitar uma explosão evidente. Ela fala ao lugar que damos à vingança em nossos pensamentos e planos.

Romanos 12:18 — tradução da KJV Se for possível, no que depender de vocês, vivam em paz com todos.

Romanos 12:19 — tradução da KJV Amados, não se vinguem, mas deem lugar à ira; pois está escrito: A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor.

Romanos 12:20 — tradução da KJV Portanto, se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber; pois, fazendo isso, você amontoará brasas de fogo sobre a cabeça dele.

> *Abrir mão da vingança pessoal permite que usemos nossa atenção de outra maneira.*

Resposta pessoal

05

Romanos 12:21 — tradução da KJV Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem.

As palavras “no que depender de vocês” nos ajudam a entender nossa responsabilidade. Devemos buscar a paz com seriedade, mas não podemos fazer com que outra pessoa se torne verdadeira, cooperativa ou segura para conviver. Podemos fazer o que é certo e, ainda assim, receber hostilidade. Podemos oferecer uma conversa justa e descobrir que a outra pessoa se recusa a participar. A paz envolve mais do que nossos desejos, e esse versículo reconhece um limite para o que podemos realizar. Não devemos abandonar nossa própria responsabilidade nem assumir a responsabilidade pela recusa de outra pessoa.

Deixar a vingança com Deus nos pede que abramos mão de outro tipo de controle. Talvez queiramos decidir quanto sofrimento seria um pagamento suficiente pelo que aconteceu. Talvez imaginemos um pedido de desculpas público, a perda de uma posição ou um momento em que todos finalmente percebam que tínhamos razão. Mesmo que uma dessas coisas aconteça, o desejo de vingança pode pedir mais. Precisamos perceber quando nossa esperança de paz passou a depender de provocar a dor de outra pessoa. Esse é um fardo que a passagem não nos dá para carregar.

Não cabe a nós administrar o julgamento de Deus. Não precisamos aconselhá-lo sobre com que rapidez alguém deveria sofrer nem acompanhar cada revés como prova de que Ele finalmente está ouvindo. Uma oração que parece entregar uma pessoa a Deus ainda pode estar cheia de instruções sobre castigo. Podemos dizer que estamos deixando a questão com Deus enquanto continuamos esperando o resultado que escolhemos. A entrega se aprofunda quando admitimos que Ele sabe o que não sabemos e que nossa raiva não nos qualifica para ocupar o lugar dele.

Resposta pessoal

05

Isso não significa que o mal deva ficar sem consequências nesta vida. Uma pessoa pode precisar enfrentar uma correção baseada na verdade, perder uma responsabilidade que usou mal ou responder às autoridades competentes. Buscar uma resposta justa pelos meios adequados é diferente de nos nomearmos responsáveis por causar sofrimento. Essa diferença merece atenção honesta, e não uma frase pronta. Podemos perguntar se estamos apresentando os fatos com exatidão, buscando proteção onde ela é necessária e aceitando um processo que não existe apenas para satisfazer nossa raiva.

A pregação adverte que uma vida organizada em torno da vingança permanece presa à ferida original. Nossos dias ficam cheios de planos sobre alguém que gostaríamos que não tivesse influência sobre nós. Podemos deixar de viver os relacionamentos presentes porque estamos ensaiando um confronto futuro. Podemos não perceber uma oportunidade de servir porque estamos vigiando à espera do fracasso da outra pessoa. Abrir mão da vingança pessoal permite que usemos nossa atenção de outra maneira. Podemos começar a considerar o que a fidelidade exige hoje, em vez de transformar cada dia em uma extensão do conflito antigo.

Vamos identificar o resultado que temos exigido. Estamos pedindo algo necessário para proteger pessoas e dizer a verdade ou insistindo que alguém sofra antes de nos permitirmos viver? Podemos levar essa distinção à presença de Deus sem fingir que é fácil. Talvez precisemos entregar o mesmo desejo mais de uma vez. Cada vez que nos recusarmos a alimentar um plano de vingança, poderemos voltar à responsabilidade que a passagem nos dá: buscar a paz no que depender de nós e deixar com Deus o julgamento que pertence a Ele.

Resposta pessoal

06 Vencendo o mal com o bem

Romanos 12:20 passa da recusa da vingança à resposta à necessidade de um inimigo. A fome e a sede são questões práticas. A instrução não fica apenas no nível de dizermos que temos um bom coração. Ela pergunta o que faremos quando pudermos oferecer algo útil a uma pessoa que não nos tratou bem. Isso pode revelar o quanto limitamos cuidadosamente nossa bondade. Talvez sejamos generosos com quem nos valoriza, enquanto vemos a necessidade de um inimigo como uma oportunidade de assistir ao sofrimento dele.

Devemos prestar atenção ao tipo de resposta que a passagem descreve. Alimentar alguém que tem fome atende à necessidade dessa pessoa. Não transforma a ajuda em uma recompensa por concordar conosco ou reconhecer nossa importância. Não nos é pedido que façamos um relato elogioso da conduta dela. Somos chamados a rejeitar a ideia de que o mal cometido nos dá permissão para sentir prazer no sofrimento de outra pessoa. Essa pode ser uma forma exigente de obediência quando acreditamos que finalmente estamos em vantagem.

A referência às brasas de fogo pode nos tentar a transformar a bondade em outra forma de vingança. Talvez passemos a nos interessar pelo quanto nossa bondade constrangerá a outra pessoa. Mas o versículo 21 nos orienta a vencer o mal com o bem. Se nosso propósito oculto ainda é causar dor, não deixamos de fato a tarefa do castigo com Deus. Não devemos usar uma ação útil como uma maneira esperta de continuar a mesma hostilidade. A passagem nos chama a um bem que continue sendo bom tanto em seu propósito quanto em sua aparência.

> *Somos chamados a rejeitar a ideia de que o mal cometido nos dá permissão para sentir prazer no sofrimento de outra pessoa.*

06

Há oportunidades comuns para examinar isso. Talvez ouçamos uma acusação injusta contra alguém que nos tratou injustamente. Vamos corrigi-la? Talvez possamos compartilhar uma informação que permita à pessoa evitar uma dificuldade desnecessária. Vamos retê-la simplesmente porque podemos? Talvez não tenhamos o dever de nos envolver de perto, mas ainda possamos escolher se vamos aumentar o dano. Recusar-nos a espalhar uma mentira sobre um inimigo é uma forma de praticar a bondade sem fingir que a confiança foi restaurada.

Também precisamos de sabedoria para saber que tipo de ajuda é seguro e adequado. A bondade não exige que demos a uma pessoa que causa dano acesso irrestrito à nossa casa, às nossas finanças ou à nossa vida particular. Quando o contato não é seguro, talvez a ajuda precise chegar por meio de outra pessoa, ou talvez não caiba a nós oferecê-la diretamente. O chamado da passagem à paz deve ser lido junto com seu reconhecimento do que é possível. Podemos manter um limite necessário sem transformá-lo em desculpa para a crueldade. Também podemos recusar uma exigência que use linguagem espiritual para nos pressionar a entrar em perigo.

Às vezes, a pergunta que mais nos leva a examinar o coração é o que queremos que aconteça depois de fazermos o bem. Esperamos gratidão imediata? Estamos esperando que a outra pessoa admita que somos cristãos melhores? Vamos ficar com raiva novamente se nossa bondade passar despercebida? Essas expectativas mostram como uma boa ação pode facilmente se tornar uma troca. Podemos obedecer sem controlar a resposta. O valor de fazer o que é certo não desaparece porque alguém recebe isso mal ou deixa de reconhecer o que nos custou.

Vamos considerar uma situação em que temos esperado pela dificuldade de um inimigo. Como seria uma boa resposta nesse caso? Talvez seja algo visível, como atender a uma necessidade real por meio de um arranjo seguro. Talvez seja algo menos visível, como nos recusar a comemorar a desgraça alheia ou corrigir nosso próprio relato exagerado. Não precisamos criar um encontro desnecessário para provar nosso perdão. Podemos começar com a oportunidade que já está diante de nós e perguntar se nossa próxima ação aumentará o mal ou responderá a ele com o bem.

07 Lembrando a misericórdia que recebemos

O terceiro ponto prático da pregação volta nossa atenção para nossa própria necessidade de misericórdia. O pastor Chavis lê 1 Coríntios 6:9–11 e se detém nas palavras: “E assim eram alguns de vocês.” Paulo acabou de mencionar práticas erradas que não devem ser tratadas com leviandade. Depois, lembra aos cristãos que algumas dessas descrições pertencem ao próprio passado deles. Lembrar disso nos impede de falar como se sempre tivéssemos estado acima das pessoas cujas falhas reconhecemos com facilidade.

A mensagem também recorda as palavras de Romanos 3:23: “Pois todos pecaram e estão aquém da glória de Deus.” Essa verdade nos alcança pessoalmente. Podemos concordar com ela de modo geral enquanto fazemos uma exceção no conflito que mais ocupa nossa mente. Podemos ficar tão concentrados na conduta de outra pessoa que nossa própria necessidade de perdão desaparece de vista. Lembrar a misericórdia não resolve todos os fatos desse conflito. Muda a posição a partir da qual o enfrentamos. Chegamos como pessoas que também precisaram da graça.

Talvez nos lembremos de uma ocasião em que desejamos que alguém enxergasse mais do que a pior coisa que fizemos. Queríamos a oportunidade de dizer a verdade, nos arrepender e viver de outra maneira. Não queríamos que uma única falha se tornasse a única versão de nós que alguém aceitaria. Essa lembrança pode abrandar o orgulho com que descrevemos outra pessoa. Ainda podemos identificar claramente o erro. Mas devemos ter cuidado ao decidir que essa pessoa é para sempre incapaz de se arrepender ou que tudo de bom na vida dela deve ser falso.

> *A misericórdia que recebemos deve continuar presente na maneira como buscamos a verdade e respondemos ao mal.*

07

Ao mesmo tempo, nossa necessidade comum de misericórdia não torna iguais todos os atos que causam dano. Uma palavra descuidada e um padrão repetido de abuso não passam a ser a mesma coisa porque todos pecaram. Nunca devemos usar nossas próprias imperfeições para minimizar um mal grave ou dizer a uma pessoa ferida que pedir proteção é orgulho. A misericórdia nos chama a abandonar a presunção de sermos justos por nós mesmos, não a abandonar a verdade. A gravidade de uma ação e a necessidade de consequências adequadas continuam sendo importantes, mesmo quando o perdão está sendo oferecido com sinceridade.

Essa distinção nos ajuda a compreender o que a pregação diz sobre Davi. O pastor Chavis nos lembra que o mal cometido por Davi foi grave e que o arrependimento fez parte de sua história. A mensagem pergunta se abrimos espaço para a possibilidade de que alguém de quem guardamos ressentimento tenha se apresentado com honestidade diante de Deus. Talvez não saibamos o que aconteceu na oração particular dessa pessoa. Não devemos inventar arrependimento onde não há evidências, mas também não devemos afirmar que sabemos que Deus não pode agir em uma vida que já não compreendemos. Nosso conhecimento tem limites.

Lembrar a misericórdia também deve nos levar a assumir a responsabilidade pelo dano que causamos. Podemos passar anos desejando que alguém reconheça nossa dor enquanto nos recusamos a reconhecer a dor causada por nossas palavras. Talvez tenhamos repetido uma história cruel, envolvido pessoas que não deveriam estar no conflito ou tratado um relacionamento presente como se fosse culpado de uma traição antiga. Podemos confessar essas escolhas diretamente. Um pedido de desculpas honesto não precisa começar provando o quanto a outra pessoa errou mais. Podemos assumir a responsabilidade por nossa parte sem reorganizar a história inteira.

Vamos lembrar uma maneira específica pela qual Deus nos mostrou misericórdia. Do que precisávamos naquele momento? O que esperávamos que os outros compreendessem? Agora vamos considerar se essa lembrança muda a maneira como falamos de uma pessoa que falhou. Talvez ainda precisemos de um limite. Talvez ainda precisemos que uma questão séria seja enfrentada. Mesmo assim, podemos fazer essas coisas sem sentir prazer na ideia de que outro ser humano não tem mais esperança. A misericórdia que recebemos deve continuar presente na maneira como buscamos a verdade e respondemos ao mal.

08 Perdoando sem esconder a verdade

A pregação passa da lembrança da misericórdia para uma resposta ativa. É possível dizer que cremos no perdão enquanto nos recusamos a considerar o que significaria perdoar uma pessoa específica. Talvez prefiramos manter o assunto em termos gerais porque uma decisão real nos custaria algo. Talvez precisássemos parar de mencionar uma falha antiga para vencer cada nova discussão. Talvez precisássemos abrir mão de uma história que nos fez sentir moralmente superiores. Talvez precisássemos admitir que já não precisamos supervisionar o castigo de outra pessoa.

O perdão nos pede que abandonemos a vingança pessoal. Não nos pede que neguemos o acontecimento, mudemos os fatos ou aceitemos uma culpa que pertence a outra pessoa. Devemos poder dizer com verdade o que aconteceu enquanto pedimos a Deus que impeça o ódio de nos conduzir. Algumas feridas continuam doendo depois que começamos a responder dessa maneira. Talvez precisemos de tempo, oração e apoio enquanto aprendemos a viver de outro modo. O retorno da dor não significa automaticamente que nossa oração anterior foi desonesta. Pode nos mostrar outra área em que ainda há necessidade de cuidado.

> *Ainda assim, podemos responder com fidelidade dentro da responsabilidade que realmente temos.*

Resposta pessoal

08

A mensagem se refere à instrução de Jesus em Mateus 5:23–24 sobre lembrar, junto ao altar, que um irmão tem algo contra nós. Precisamos ouvir essa instrução com atenção. A situação diz respeito a uma queixa contra a pessoa que está trazendo a oferta. Jesus orienta essa pessoa a buscar reconciliação. A passagem não nos diz que devemos presumir que a pessoa ferida causou o mal, nem exige que confessemos uma ofensa que não cometemos. Ela nos leva a tratar com seriedade a queixa de outra pessoa, em vez de usar a adoração para evitar enfrentá-la.

Isso pode ser desconfortável para cristãos experientes. Talvez estejamos preparando uma lição, conduzindo a oração ou exercendo uma responsabilidade de confiança enquanto deixamos de fazer um pedido de desculpas honesto. Talvez esperemos que continuar servindo mostre que nossas intenções eram boas. Mas um trabalho útil não pode dizer as palavras que devemos a alguém. Se sabemos que agimos mal, podemos reconhecer a ação de maneira clara. Podemos ouvir sem corrigir imediatamente os sentimentos da pessoa ferida. Podemos perguntar o que precisa ser reparado e aceitar que a confiança talvez exija mais do que uma conversa sincera.

Quando somos a pessoa ferida, buscar a paz pode assumir outra forma. Talvez possamos ter uma conversa direta e honesta em que descrevemos o mal sofrido e declaramos que estamos abrindo mão da vingança. Em outra situação, o contato direto pode nos expor a mais manipulação ou dano. O pastor Chavis encoraja as pessoas a comunicar o perdão, mas devemos aplicar esse encorajamento com cuidado. Não precisamos de um encontro, telefonema ou mensagem que nos coloque em risco para tornar o perdão real. Um conselheiro de confiança ou outro apoio adequado pode nos ajudar a decidir se algum contato é sábio e, se for, de que forma.

Resposta pessoal

08

O perdão e a restauração da confiança não devem ser tratados como a mesma decisão. A confiança diz respeito àquilo com que podemos contar de maneira responsável no futuro. Ela pode crescer à medida que uma pessoa se torna honesta, aceita as consequências e demonstra mudança. Quando essas coisas estão ausentes, o relacionamento pode permanecer limitado. A reconciliação também exige mais do que a disposição de uma só pessoa. Podemos parar de buscar vingança sem afirmar que um relacionamento foi reparado. Romanos 12:18 nos ajuda a manter essas verdades juntas ao pedir a paz no que depender de nós, reconhecendo ao mesmo tempo o que é possível.

Também devemos ter cuidado para não transformar o perdão em uma exigência que fazemos a alguém que ferimos. Se somos responsáveis por um erro, nossa tarefa é reconhecê-lo e aceitar a devida responsabilização. Não cabe a nós decidir com que rapidez a outra pessoa deve se sentir segura, retomar o contato ou falar de nós com carinho. A linguagem religiosa pode se tornar outra forma de evitar a responsabilidade se a usarmos para apressar alguém a superar os efeitos das nossas ações. Lembrar a misericórdia deve nos tornar mais humildes no que pedimos aos outros, e não mais convencidos de que temos direito à confiança deles.

Vamos perguntar como seria um passo honesto em direção à paz em nossa situação. Talvez precisemos pedir desculpas sem nos defender. Talvez precisemos parar de ensaiar um plano de castigo. Talvez precisemos de ajuda para estabelecer um limite que permita dizer a verdade com segurança. Pode ser que não consigamos restaurar o relacionamento inteiro. Ainda assim, podemos responder com fidelidade dentro da responsabilidade que realmente temos. O perdão se torna prático quando deixamos de pedir que ele esconda a realidade e permitimos que mude nosso propósito dentro dessa realidade.

Resposta pessoal

09 Cuidando do coração todos os dias

O pastor Chavis usa seu quintal como ilustração da diferença entre deixar crescer o que não queremos e cuidar do que é bom. As ervas daninhas podem se espalhar enquanto o dono está ocupado em outro lugar. Um gramado saudável exige atenção. Não precisamos transformar cada detalhe da comparação em uma regra espiritual. O ponto útil é que a negligência não deixa um jardim inalterado. Da mesma forma, evitar um ressentimento antigo não necessariamente o mantém pequeno. A passagem do tempo e a cura nem sempre são a mesma coisa.

Podemos confundir tranquilidade com progresso. Uma determinada pessoa não entrou em contato conosco, então não sentimos raiva recentemente. Um assunto difícil não surgiu, então presumimos que já não nos incomoda. Depois, uma conversa traz de volta o mesmo desejo intenso de retaliar. Esse momento não precisa se tornar motivo de desespero. Pode nos mostrar que algo ainda precisa de atenção. Podemos voltar à oração e à reflexão honesta, em vez de concluir que ou precisamos estar completamente curados ou não fizemos progresso algum.

Hebreus 12:14 nos dá uma direção positiva: “Busquem a paz com todos e a santidade.” Não estamos apenas tentando remover um sentimento indesejado. Estamos aprendendo a buscar uma maneira de viver que agrade ao Senhor. A paz diz respeito à maneira como respondemos aos outros. A santidade coloca nossas escolhas diante de Deus. Manter as duas juntas nos impede de chamar todo acordo silencioso de paz ou toda resposta dura de justiça. Precisamos de verdade em nossos relacionamentos e de um coração disposto a ser corrigido na maneira como buscamos essa verdade.

> *A oração faz parte desse cuidado diário mesmo quando não há um momento marcante.*

09

A atenção diária pode começar pelas palavras que repetimos. Como contamos a história da dor quando alguém pergunta? Acrescentamos detalhes que fazem a outra pessoa parecer pior? Deixamos de fora algo que tornaria o relato mais exato? Usamos uma nova conversa como mais uma oportunidade de reunir manifestações de solidariedade? Talvez precisemos contar a história para obter ajuda, e não devemos ter vergonha de fazer isso. A pergunta é se o relato está servindo à verdade e ao cuidado ou mantendo nosso desejo de vingança alimentado com mais atenção.

Também podemos observar o que acontece depois das decepções comuns. Uma resposta demorada, uma mudança de planos ou uma correção na igreja pode despertar um medo antigo de sermos desprezados. Antes de decidir que a pessoa no presente repetiu o erro do passado, podemos perguntar o que realmente sabemos. Isso não é uma exigência de ignorar sinais de alerta. É um convite a avaliar a situação presente com justiça. Pessoas que não causaram a ferida original não devem herdar automaticamente a responsabilidade por ela. Ser justos com elas talvez exija paciência conosco enquanto aprendemos uma resposta diferente.

A oração faz parte desse cuidado diário mesmo quando não há um momento marcante. Podemos contar a Deus o que percebemos naquele dia, onde resistimos à vingança e onde falhamos. Podemos voltar às passagens deste estudo, em vez de depender apenas da nossa lembrança de uma pregação. Talvez precisemos conversar regularmente com alguém de confiança que não alimente nosso ressentimento nem minimize nossa dor. Essa atenção nos ajuda a responder antes que uma pequena escolha se torne outro hábito estabelecido. Estamos aprendendo a ser diligentes, e não apenas aliviados quando a tensão passa.

Vamos escolher um momento do nosso dia comum em que possamos examinar como estamos respondendo. Podemos pensar em uma conversa antes que ela comece ou rever nossas palavras antes que o dia termine. O que alimentamos com nossa atenção? Onde buscamos a paz com honestidade? O que precisa de confissão ou ajuda? Uma resposta breve e verdadeira é mais útil do que uma longa promessa de nunca mais enfrentar dificuldades. Cuidamos do coração voltando a Deus com o que de fato está crescendo ali e continuando dispostos a deixar que Ele mude nossa maneira de viver.

10 Aprendendo com a resposta de José

A história de José oferece à pregação um retrato amplo de alguém que teve repetidas oportunidades de se tornar amargo. Seus irmãos se voltaram contra ele, e ele foi vendido como escravo. Na casa de Potifar, uma acusação falsa o levou à prisão. Mais tarde, alguém que ele havia ajudado deixou de se lembrar dele quando essa ajuda poderia ter mudado suas circunstâncias. O pastor Chavis percorre esses acontecimentos para mostrar que uma experiência dolorosa foi seguida de outra. José não enfrentou uma única decepção que pudesse ser deixada facilmente para trás antes que a próxima parte de sua vida começasse.

Devemos deixar clara a gravidade desses acontecimentos. Traição por parte da família, perda da liberdade e acusação falsa não são pequenos inconvenientes. Chamar essas experiências de oportunidades de crescimento não pode fazê-las parecer inofensivas. A pregação pergunta o que José fez dentro dessas circunstâncias, não se seus irmãos e outras pessoas estavam certos em maltratá-lo. Podemos manter o mal cometido e uma resposta fiel no mesmo relato. Não precisamos diminuir o mal para reconhecer o caráter demonstrado pela pessoa que o sofreu.

> *A fidelidade pode começar antes que o problema maior tenha sido resolvido.*

Resposta pessoal

10

Uma característica importante dessa história é que José continuou respondendo às responsabilidades e às pessoas antes que suas circunstâncias se tornassem justas. No relato da prisão, a pregação chama a atenção para sua preocupação com dois homens aflitos e sua resposta aos sonhos deles. Ele tinha necessidades próprias, mas percebeu que outra pessoa estava angustiada. Isso nos oferece uma pergunta que merece ser considerada com cuidado. Ficamos tão ocupados com a pessoa que nos feriu que já não percebemos ninguém que possa precisar da nossa ajuda? A dor merece cuidado, mas não precisa se tornar a única realidade que conseguimos enxergar.

Não devemos transformar o exemplo de José em pressão para servir além das nossas forças ou ignorar a necessidade de descanso e proteção. O ponto é que o erro de outra pessoa não precisa determinar todo o propósito da nossa vida. Talvez ainda tenhamos algo bom a oferecer dentro dos limites da nossa situação presente. Pode ser uma conversa atenciosa, uma responsabilidade cumprida com honestidade ou a recusa de tratar outra pessoa com o descaso que nós mesmos sofremos. A fidelidade pode começar antes que o problema maior tenha sido resolvido.

A pregação então nos leva à mudança de posição de José. Ele acabou recebendo autoridade no Egito, e seus irmãos ficaram ao alcance dessa autoridade. Esse é um tipo diferente de prova. Antes, ele tinha pouco poder sobre o que acontecia com ele. Agora, tinha os meios de afetar a vida das pessoas que lhe haviam causado dano. Talvez imaginemos que a amargura só seja um perigo quando nos sentimos fracos. Mas ganhar influência pode revelar o que temos protegido em nosso coração. O poder cria oportunidades de executar a vingança que antes só podíamos imaginar.

Resposta pessoal

10

O cuidado de José com sua família dá à mensagem sua direção de esperança. Ele usou sua posição para preservar as pessoas que haviam agido mal contra ele, em vez de fazer da necessidade delas uma desculpa para destruí-las. A pregação nos chama a buscar crescimento no lugar onde a amargura poderia ter crescido. Para nós, isso pode significar ter mais cuidado com a influência que exercemos. Nossas experiências dolorosas nos ensinaram a proteger os outros de danos semelhantes ou nos deixaram ansiosos para fazer alguém se sentir impotente? A resposta aparecerá na maneira como usamos as oportunidades que estão diante de nós.

Também devemos evitar transformar a posição que José alcançou em uma promessa sobre nosso próprio futuro. A fidelidade não garante que receberemos uma promoção pública, sucesso financeiro ou um momento em que todos reconhecerão nossa inocência. O crescimento de que precisamos talvez seja menos visível. Podemos nos tornar mais honestos sobre nossos limites, mais pacientes com a dor de outra pessoa ou menos dispostos a usar a autoridade de maneira egoísta. Essas mudanças importam mesmo quando a situação exterior continua difícil. Podemos buscá-las sem exigir que nossa história siga cada mudança de rumo da história de José.

Vamos considerar que tipo de pessoa estamos nos tornando ao responder ao mal que sofremos. O que aprendemos que poderia nos ajudar a cuidar de outra pessoa? Que hábito mostraria que a vingança está perdendo espaço em nossas decisões? Não podemos tornar bom o acontecimento original encontrando uma lição nele. Podemos pedir a Deus que nos ajude a viver bem depois dele. A resposta melhor que a pregação encoraja é uma escolha real em direção à fidelidade, feita com a ajuda de Deus, e não uma explicação alegre que faça a dor desaparecer.

Resposta pessoal

11 Orando enquanto a alma sofre

O último ponto prático da pregação é simples o suficiente para lembrar e profundo o suficiente para continuar praticando: ore mesmo assim. O pastor Chavis nos leva até Ana em 1 Samuel 1. Ela estava aflita por não ter filhos, e o tratamento cruel de Penina aumentava sua tristeza. Sua dificuldade não era apenas um desejo não atendido dentro do próprio coração. O comportamento de outra pessoa estava tornando a dor mais difícil de suportar. Esse contexto importa porque sua oração não começou depois que a situação havia se tornado mais amena ou que a dor tinha sido explicada.

Primeiro Samuel 1:10 diz: “E ela estava em amargura de alma, e orou ao SENHOR, e chorou intensamente.” O versículo coloca a angústia e a oração no mesmo momento. Ana não ficou primeiro livre da aflição para depois se aproximar de Deus. Ela veio enquanto chorava. A expressão “amargura de alma” descreve sua profunda aflição. Não devemos presumir que isso signifique que ela havia escolhido o ódio ou estava planejando vingança. Seu exemplo nos ajuda a entender que um coração ferido pode se voltar para Deus antes que a dor se acalme.

Isso confronta a crença de que precisamos nos sentir melhor antes de poder orar da maneira certa. Talvez adiemos a oração porque estamos com raiva, confusos ou cansados de repetir a mesma preocupação. Talvez pensemos que Deus espera uma explicação calma quando tudo o que podemos oferecer é um relato entrecortado do que aconteceu. A oração de Ana nos mostra que podemos chegar com honestidade. Podemos dizer ao Senhor que a dor ainda está presente, que não sabemos como lidar com a próxima conversa ou que precisamos de ajuda com o ressentimento que começamos a perceber.

Resposta pessoal

11

A honestidade na oração não significa que devamos agir de acordo com todo desejo que levamos a Deus. Podemos dizer a Ele que queremos vingança sem tratar esse desejo como uma direção dele. Podemos confessar que esperamos que alguém fracasse e pedir que Ele mude nosso propósito. A oração nos permite trazer o coração que realmente temos, em vez de apresentar o coração que achamos que já deveríamos ter. Se escondermos o desejo até que o tenhamos corrigido sozinhos, evitaremos justamente o lugar onde estamos sendo convidados a buscar ajuda.

Às vezes, usamos uma linguagem espiritual conhecida para manter uma distância confortável de uma preocupação real. Pedimos a Deus que abençoe a todos enquanto nos recusamos a dizer o nome da pessoa de quem guardamos ressentimento. Oramos por força sem admitir o que estamos tentados a fazer. Falamos de paz enquanto continuamos planejando uma resposta humilhante. Uma oração mais honesta pode ser muito mais simples. Podemos descrever o acontecimento, identificar o sentimento e pedir ajuda para a escolha que está diante de nós. Não estamos dando a Deus uma informação que lhe falta. Estamos permitindo que nossa própria resposta se torne verdadeira diante dele.

O pastor Chavis enfatiza que a oração de Ana se tornou parte de uma história em que Deus respondeu ao desejo profundo dela. Podemos receber encorajamento disso sem prometer que toda oração dolorosa produzirá o mesmo tipo de milagre visível. A oração não é um método para fazer Deus seguir um calendário que escolhemos. Talvez continuemos orando enquanto a resposta permanece pouco clara. Talvez precisemos de força para dar um passo difícil, em vez de uma mudança imediata na outra pessoa. O convite à oração continua sendo valioso mesmo quando não podemos prever o que acontecerá depois.

Resposta pessoal

11

Também devemos permitir que a oração e a ajuda adequada caminhem juntas. Uma pessoa que carrega uma dor profunda, um trauma ou uma situação de perigo talvez precise de mais apoio do que um momento particular de oração pode oferecer. Buscar um pastor de confiança, um conselheiro qualificado ou outra fonte adequada de ajuda não torna a oração menos sincera. Podemos pedir sabedoria a Deus enquanto aceitamos o cuidado disponível. O encorajamento da pregação para continuar orando nunca deve se tornar motivo para envergonhar alguém por precisar de apoio contínuo ou para deixar uma pessoa sozinha com uma luta séria.

A mensagem também nos exorta a não permitir que a dor nos afaste da adoração e da comunhão. Quando pessoas nos ferem, podemos começar a associar toda expressão de fé às pessoas responsáveis. Precisamos de cuidado para distinguir o Senhor do mal cometido por aqueles que afirmam servi-lo. Isso não exige permanecer em uma congregação insegura nem voltar a um líder que causa dano. Significa que podemos buscar um lugar seguro para orar, receber a Palavra e compartilhar a vida com cristãos de confiança, em vez de presumir que todo relacionamento espiritual repetirá o mesmo mal.

Vamos orar antes de nos sentirmos prontos para explicar tudo. Podemos começar com o que sabemos: estamos sofrendo, precisamos de ajuda e não queremos que o ressentimento determine nossa conduta. Podemos pedir coragem para dizer a verdade e paciência para dar o próximo passo sem exigir que todos os sentimentos desapareçam. Ana chorou e orou. Nós também podemos trazer nossas lágrimas. A escolha diante de nós não é entre sofrer e orar. Enquanto estamos sofrendo, ainda podemos nos voltar para o Senhor.

> *Enquanto estamos sofrendo, ainda podemos nos voltar para o Senhor.*

Resposta pessoal

12 Mantendo nosso futuro aberto para Deus

O apelo final da pregação olha para a vida que ainda está diante de quem ouve. O pastor Chavis adverte que uma dor antiga pode interferir nos relacionamentos, no serviço e na disposição de responder a Deus. Podemos continuar frequentando a igreja enquanto permitimos que um capítulo doloroso determine o que cremos a respeito de cada nova pessoa e oportunidade. A pergunta vai além de termos saído de uma congregação ou parado de realizar um trabalho visível. Precisamos perguntar se nosso coração se fechou em áreas nas quais Deus ainda está nos chamando a confiar e obedecer.

Isso pode acontecer aos poucos. Decidimos nunca mais nos aproximar de ninguém. Recusamos toda responsabilidade porque um líder anterior nos tratou injustamente. Presumimos que a correção sempre esconde rejeição. Essas decisões talvez tenham começado como esforços para nos proteger. Alguns limites são necessários e devem permanecer. Mas precisamos de ajuda para distinguir a proteção sábia de uma regra que exclui toda possibilidade de bem. Um limite deve enfrentar um risco real, não condenar automaticamente pessoas e situações que ainda não consideramos com justiça.

Manter nosso futuro aberto para Deus não significa voltar à mesma função ou ao mesmo relacionamento. O próximo passo fiel pode ser diferente da vida que esperávamos antes da ferida. Talvez precisemos de um tempo longe de determinada responsabilidade, de outro ambiente de comunhão ou de um trabalho paciente para reconstruir a confiança. Não devemos medir a restauração apenas por tudo voltar ou não à organização anterior. O que importa é permanecermos dispostos a seguir o Senhor com honestidade, em vez de fazer da amargura a autoridade final sobre o que receberemos dele.

> *Precisamos de um coração disposto, pronto para receber direção e dar o próximo passo de fidelidade.*

12

Também precisamos evitar fazer da nossa utilidade a razão pela qual nossa vida tem valor. A pregação fala com urgência sobre dons e ministério porque a dor pode afetar o bem que uma pessoa poderia fazer. No entanto, não devemos ouvir isso como uma pressão para produzir algo impressionante antes de merecermos cuidado. Precisamos de cuidado como pessoas, inclusive nas fases em que nossa capacidade de servir é limitada. Receber ajuda pode ser, por si só, uma resposta fiel. Podemos parar de tratar nossas feridas como um inconveniente que precisa ser escondido para que o trabalho de todos os outros continue.

À medida que avançamos, o progresso pode aparecer em pequenas mudanças. Contamos a história com mais justiça. Fazemos uma pausa antes de responder. Paramos de pedir que amigos em comum escolham um lado. Percebemos a bondade de uma pessoa no presente sem compará-la imediatamente com alguém do passado. Essas mudanças não apagam o que aconteceu. Mostram que o mal antigo está perdendo a capacidade de organizar cada nova resposta. Podemos agradecer a Deus por elas sem fingir que todo o trabalho terminou ou que outro dia difícil as tornaria sem valor.

Talvez também haja momentos em que precisaremos começar de novo. Um encontro inesperado ou a data que marca um acontecimento pode trazer de volta sentimentos que pensávamos ter se acalmado. Podemos responder com as mesmas práticas que este estudo considerou. Podemos orar com honestidade, recusar a vingança, buscar apoio adequado e cuidar da próxima decisão. Uma luta que retorna é motivo para renovar a atenção. Não precisamos transformá-la em um veredito contra todo o nosso relacionamento com Deus. O chamado à diligência abre espaço para um cuidado contínuo, em vez de um único momento depois do qual nunca mais enfrentamos dificuldades.

Vamos perguntar o que temos recusado por causa de uma dor antiga. A recusa está nos protegendo de um perigo real ou se tornou uma resposta que damos antes de considerar a situação presente? Podemos levar essa pergunta a Deus e a alguém de confiança que conheça o suficiente para nos ajudar a pensar com clareza. Não precisamos nos apressar em assumir um novo compromisso para provar que mudamos. Precisamos de um coração disposto, pronto para receber direção e dar o próximo passo de fidelidade. Nosso passado merece um relato honesto, mas não precisa fornecer todas as respostas sobre nosso futuro.

Resposta pessoal

Reflexão

Vamos voltar à advertência sobre a raiz de amargura e manter nossa própria vida em vista. Que acontecimento ou relacionamento veio à mente com mais frequência durante a leitura? O que acreditamos ter perdido por causa dessa experiência? Temos nos permitido descrever a perda com honestidade ou tentamos parecer mais fortes do que nos sentimos? Podemos escrever sobre ela sem acrescentar uma acusação que não podemos sustentar e sem minimizar algo que de fato nos causou dano. Um relato verdadeiro nos dá um ponto de partida mais claro para orar.

Em seguida, vamos considerar nossa resposta atual. Onde buscamos proteção e onde buscamos vingança? Tratamos alguém que não causou a ferida original como se essa pessoa fosse responsável por ela? O que as palavras que repetimos revelam sobre o que estamos alimentando? Podemos fazer essas perguntas sem nos tornar responsáveis pelo mal cometido por outra pessoa. Estamos examinando as escolhas que nos cabem agora.

Resposta pessoal

Por fim, que parte da orientação da pregação mais precisamos praticar? Precisamos fazer uma pausa antes de responder, abandonar um plano de castigo, lembrar a misericórdia, buscar crescimento ou orar enquanto sofremos? Que ajuda tornaria esse passo mais sábio e seguro? Podemos identificar uma pessoa com quem conversar, uma conversa que exige cuidado ou um hábito que precisamos mudar. Vamos pedir uma resposta que possa ser vivida, não apenas escrita. Como será a obediência no próximo momento comum em que a dor vier à mente?

Conclusão

A batalha contra a amargura nos chama a cuidar do coração enquanto levamos o mal a sério. Hebreus 12 nos pede que busquemos a paz e a santidade e vigiemos diligentemente para que não cresça uma raiz capaz de nos perturbar e afetar os outros. Romanos 12 nos afasta da vingança pessoal e nos direciona para o bem. Lembrar a misericórdia nos mantém humildes, a história de José confronta a maneira como respondemos às oportunidades e ao poder, e Ana nos mostra uma alma ferida se voltando para Deus. Não precisamos negar nossa dor nem abrir mão da proteção necessária. Podemos buscar ajuda, dizer a verdade e nos recusar a fazer da vingança nosso propósito. O Senhor pode receber uma oração honesta antes que tenhamos uma explicação fácil. Vamos levar a Ele a vida que de fato estamos vivendo e permanecer dispostos a responder.

Resposta pessoal

Relembre e guarde

Complete as lacunas

Vamos completar estas afirmações do estudo. Algumas usam as palavras das citações traduzidas da KJV; outras nos ajudam a lembrar as lições práticas. Podemos voltar a uma seção quando precisarmos considerar a resposta com mais cuidado.

1. Hebreus 12:14 nos diz que devemos buscar a _____ com todos.
2. O mesmo versículo nos chama a buscar a _____.
3. Hebreus 12:15 começa sua advertência com as palavras: “Vigiando _____.”
4. A amargura é representada como uma _____ que pode brotar.
5. A advertência diz que, por meio dessa raiz, _____ podem ser contaminados.
6. O erro de outra pessoa não precisa determinar nossa _____.
7. Romanos 12:19 diz: “A _____ é minha; eu retribuirei, diz o Senhor.”
8. A instrução para viver em paz começa assim: “Se for _____.”
9. Romanos 12:20 diz que devemos alimentar nosso inimigo se ele estiver com _____.
10. Romanos 12:21 nos chama a vencer o mal com o _____.
11. A pregação nos pede que lembremos a _____ que recebemos.
12. Romanos 3:23 nos lembra que todos _____.
13. O perdão não exige que escondamos a _____.
14. O perdão e a restauração da _____ não são a mesma decisão.
15. A pregação usa _____ como exemplo de uma resposta fiel depois de repetidos males sofridos.
16. Ana estava em amargura de alma e _____ ao Senhor.
17. Primeiro Samuel 1:10 diz que Ana “chorou _____”.
18. Nosso próximo passo deve ir além da intenção e chegar à _____.

Respostas: 1. paz; 2. santidade; 3. diligentemente; 4. raiz; 5. muitos; 6. resposta; 7. vingança; 8. possível; 9. fome; 10. bem; 11. misericórdia; 12. pecaram; 13. verdade; 14. confiança; 15. José; 16. orou; 17. intensamente; 18. ação.

Responda com sua vida

Convite à ação

Vamos começar dizendo a Deus a verdade sobre uma questão que este estudo trouxe à nossa mente. Podemos admitir a dor sem dar desculpas para quem a causou. Também podemos admitir onde nossa própria resposta se tornou cruel, desonesta ou voltada à vingança. Não precisamos resolver a história inteira antes de orar. Podemos pedir ajuda com a responsabilidade que nos cabe hoje e sabedoria sobre o cuidado de que precisamos.

Então vamos escolher um passo que nos leve da intenção à ação. Talvez precisemos deixar de lado uma mensagem destinada a ferir alguém, corrigir uma história exagerada, oferecer um pedido de desculpas honesto ou combinar uma conversa com alguém de confiança. Se a situação envolve perigo ou dano grave, o passo pode ser buscar proteção e apoio adequado. Não devemos criar um contato inseguro para provar o perdão. Podemos buscar uma resposta verdadeira e sábia sem exigir concordância imediata ou confiança restaurada.

Antes de encerrar, vamos levar essa decisão ao Senhor em oração. Podemos pedir que Ele nos ajude quando a mesma lembrança voltar e quando a antiga resposta parecer familiar. Podemos continuar dispostos a receber correção e apoio ao longo do caminho. Talvez ainda estejamos sofrendo ao terminar este estudo, mas não precisamos esperar que todos os sentimentos mudem antes de nos voltar para Ele. Podemos começar agora e continuar orando enquanto aprendemos a viver de outra maneira.

> *Podemos começar agora e continuar orando enquanto aprendemos a viver de outra maneira.*

Resposta pessoal